

A solidariedade enquanto gesto de doação de vida: práxis que pode acurar o mundo

Juliana Vani¹

1 Introdução

Atentamos a tantas mudanças que influenciam a sociedade, as relações individuais, o mundo atual, que se apresentam superficiais, ambíguas e com aproximações complexas e complicadas, potencialmente causadoras de angústia, inquietude e apreensão entre os seres humanos. A grande maioria dessas mudanças, está direcionada para interesses materiais como o foco de maior relevância – as atenções mercadológicas, como anunciam Dardot e Laval (2016) – em detrimento daquelas que são sociais e humanas. Essa tendência, fartamente financiada por interesses economicistas, evidencia o individualismo e conduz as relações para níveis aparentes e fugazes. A coletividade se torna distante e solitária, proporcionando mais insegurança e contribuindo para esse mundo materializado. Vivemos uma vida precária, habitada de constantes incertezas, em um mundo de bens, riquezas e desejos materiais. Por consequência, a humanidade perdeu seus paradigmas de referência, suas boas tradições, e surfa a onda ambígua dos sentidos e das vivências criadas e alimentadas pelos seres humanos nas relações consigo mesmos, com o meio, com as instituições e com o transcendente; isto é, com a sociedade.

Zygmunt Bauman, importante filósofo social, pensador do século XX, dedicou sua vida ao estudo da condição humana, aos valores e às relações afetivas e humanitárias. Bauman, definia a atual modernidade como líquida. **Modernidade líquida** é um conceito desenvolvido pelo sociólogo Zygmunt Bauman e diz respeito a uma época marcada pelo **capitalismo de consumo irracional**, onde o sujeito torna-se objeto e representa aquilo que consome. **Nesse período, os laços entre os indivíduos são frágeis e voláteis e as** relações humanas não são duradoura, **podendo os** relacionamentos a qualquer momento serem **desfeitos**, rompidos. A felicidade, o afeto são associados ao prazer momentâneo, oferecido pelo consumo. De acordo com **Bauman** há tanta instabilidade que a incerteza é a única certeza que temos (BAUMAN, 2001). Segundo o sociólogo, os

¹ Mestre em Educação nas Ciências – PPGEC – Unijuí. Professora no CEEDO – Cerro Grande - RS. Integrante do Grupo Biosofia (Pesquisa e Estudos em Filosofia) URI-Frederico Westphalen e grupo de pesquisa GEEP - Grupo de Estudos de Educação Popular, Movimentos e Organizações Sociais- UNIJUÍ- Ijuí-RS. E-mail: julinhacampagnolovani@gmail.com

indivíduos, nos tempos líquidos, são incapazes de sustentarem suas identidades por muito tempo, tornando os laços humanos voláteis e efêmeros; embora seja um movimento externo que tomou conta, se apossou dos indivíduos, eles assumiram essa postura como possibilidade de externar as suas demandas reprimidas. Dialogar com esses tempos, permite considerar e constatar a nossa sociedade como individualista e desprovida de laços, de relações e de certezas. Bauman, parece defender que mudanças na vida humana são assistidas em todos os princípios, de modo imprevisível e inesperado, e as relações, as poucas e/ou frágeis que existem/subsistem, são instantâneas e descompromissadas; podem ser desfeitas ou fragmentadas a qualquer momento. Para Bauman (2001), nessa sociedade de incertezas aflora o isolamento social e os interesses individuais e, ambivalentemente, se enfraquece a solicitude com as dores do outro/da outra e a solidariedade, atitudes necessárias na vida em comunidade.

Nesse sentido, o modo de vida líquido ou, como dizem outros pensadores, pós-moderna, não valoriza as relações humanas. Então, na liquidez do mundo atual, bens materiais e capitais acumulados, muitas vezes, são considerados como propósito da vida. Conforme o pensamento de Bauman (2011, p. 54), “O consumismo é um produto *social*, e não o veredicto inegociável da evolução *biológica*. [...] tem o significado de transformar seres humanos em consumidores e rebaixar todos os outros aspectos a um plano inferior, secundário, derivado” (grifo do autor). A convivência deixou de ser coletiva e constituída de pontes, de aproximações e, também de regulações autônomas, no sentido da compreensão de Immanuel Kant; portanto, se avolumam enredamentos entre os indivíduos e não laços de afetividade e compromisso. O imediatismo, paralelo ao ser mais e ao ter mais bens, rompem os laços humanos, a aproximação com o outro/a outra e, enfraquecem a reciprocidade e a empatia. Perdeu-se o interesse pelo bem comum, pela harmonia.

A busca pela felicidade, pela satisfação imediata, mesmo momentânea, metamorfoseia a sociedade líquida, na linguagem de Bauman, ou pós-moderna individualista, para Ulrich Beck, assim como instiga desejos personalistas e, consequentemente, a ganância, a ambição por consumir sempre mais, nesse sentido, os indivíduos para Beck (1986), são desprendidos de laços e identidades. Nesta perspectiva, Bauman argumenta que “Numa sociedade de consumidores, *todo mundo* precisa ser, *deve ser* e tem que ser um consumidor por vocação (ou seja, ver e tratar o consumo como vocação)” (2008, p. 73, grifos do autor). Os seres humanos passam a serem tratados como mercadorias, objetos vendáveis e de obsolescência programada, descartáveis e dispensáveis para a sociedade atual e, isso implica dizer, para os próprios indivíduos da mesma espécie humana.

Desencadeia assim a vulnerabilidade dos valores e dos princípios humanos, podendo gerar crises de identidade, aflorando o egoísmo, a fluidez das relações e o empobrecimento existencial, tornando a sociedade enfraquecida e suscetível.

Nesse mesmo sentido, escreve Bauman (2001, p. 54):

Todos nós somos consumidores, é óbvio.... Enquanto vivermos. Não pode ser de outro modo, porque, se paramos de consumir morremos. A única dúvida é quantos dias vai durar o desfecho fatal. O consumo – cuja ação é definida pelos dicionários como sinônimo de “usar”, “comer”, “ingerir (líquido ou comida)” e, por extensão, “gastar”, “dilapidar”, “exaurir” – é uma necessidade.

Ações individualistas e egoístas são evidenciadas e incentivadas nessa sociedade de consumo, fragilizada e não comprometidas com a alteridade. A complexidade desse acontecimento e a profundidade com que é preciso pensar a temática, nos aproxima de Morin (2003) defensor da ideia de que que somos microcosmos fazendo parte do macrocosmo, e nossas identidades são estranhas, marcadas pelo materialismo. Indivíduos pós-modernos ou da modernidade líquida, se afirmam a partir do que consomem perdendo a consciência de seu valor e adoecendo as relações humanas. Para esses males ou desconfortos da sociedade, o “medicamento no receituário” é o consumismo, com ação iminente, proporcionando bem-estar e felicidade momentânea. Também, de outro modo, “Pode-se dizer que, numa sociedade consumista, todo comércio de produtos e serviços constitui, antes de mais nada, *farmácias* – quaisquer que sejam as mercadorias [...],” (BAUMAN, 2011, p. 55, grifo do autor). Essas dores que importunam os indivíduos revelam e induzem sociedades menos igualitárias, com indivíduos mais egoístas.

2 Laços afetivos: possibilidade de transformar a sociedade e efetivar a doação ao outro a partir da amorosidade

As relações e os compromissos entre os indivíduos e desses com a sociedade, se desenvolvem entre as brumas, por isso, estão confusas, inseguras e com vínculos efêmeros. O compromisso com a humanidade, com a dignidade humana não prevalece para esses indivíduos à medida que constroem um o mundo para si mesmos, para o bem-estar individual e satisfação pessoal, não se comprometem com o outro/a outra e não compartilham o mundo. Nessa lógica consumista, o outro/a outra é visto como produto de consumo sem nenhuma responsabilidade, tornando as relações sociais e afetivas descompromissadas, voláteis e sem envolvimento humano (BAUMAN, 2009).

O sofrimento do outro/da outra nada significa, ao se constatar que, para muitos seres humanos, o viver é indiferença, falta de empatia e de reciprocidade. Não se identificam vínculos entre os humanos; perderam-se os valores humanos, como constata Bauman (2008, p. 64): “A fragilidade dos vínculos humanos é um atributo proeminente, talvez definidor da vida líquido-moderna”. Para mudarmos essa situação de relações frágeis, sem vínculos afetivos e compromissados, é imprescindível despertar o princípio da solidariedade² e reconhecer a existência do outro/da outra. Parece que, desse modo, se permite uma sociedade justa, igualitária e humana. Priorizar uma vida comunitária transbordada pelo bem comum onde a força humanitária supera o egocentrismo, o consumismo e o egoísmo. Solidariedade como princípio e direito comum em benefício de todos. Solidariedade é atitude, conduta, princípio estruturante do próprio modo de ser do indivíduo no mundo, de maneira preparada, educada, e, por isso, responsável. Nesse âmbito, ser solidário e afetuoso não se restringe somente as emoções e sentimentos, mas ao cuidado e o compromisso com a vida do outro/da outra. Ou melhor ainda, trata-se da capacidade de ser para e com o outro/a outra e as complexas relações existentes entre ambos e que determinam o viver. Esse vínculo responsável entre os indivíduos muitas vezes coopera, possibilita que a alteridade tenha vida.

Momentos complicados expõem ou provocam mudanças. Por vezes nos mostrando que somos seres imperfeitos e que não sabemos viver sozinhos, que através do outro/da outra podemos nos encontrar na nossa subjetividade. Deste modo, devemos e precisamos nos relacionarmos e principalmente, necessitamos uns dos outros, onde cada atitude recíproca é importante para o *eu* e o *nós*. Dessas relações entre os indivíduos, ou os laços que une uns aos outros, nas mais diferentes sociedades, permitem vivenciar a solidariedade, a empatia e a doação. Essa garantia de vida em sociedade, que por vezes é enfraquecida e distanciada pelo materialismo e pelo egoísmo, pode ser minimizada se compartilhada, pois é daí, que possibilita encontrar ou oferecer amparo, conforto e mutualidade. Deste modo, solidariedade é o processo para entender como o outro/a outra se sente em determinado momento e abra-se a possibilidade de se colocar no seu lugar. Uma capacidade de tornar a solidariedade um estilo de

² Segundo Gadotti (2009) a solidariedade não se refere a caridade e a filantropia. Solidariedade, para o autor, requer melhorar a vida, compartilhando ações mutualmente, oportunizando igualdade de direitos. Ser solidário é conhecer e potencializar o outro proporcionando mudanças e transformações na forma de pensar, de ser e de agir dos indivíduos, não por interesses, e sim por relações de reciprocidade, e de respeito. Gadotti ainda lembra que não devemos ser solidários como condição de aliviar a consciência, mas doar no sentido de humanidade, de solidariedade e de altruísmo.

vida com plurais intervenções efetivas sobre as relações humanas. Cassol (2018, p. 108), ao citar Bauman, escreve sobre solidariedade reforçando que “[...] em nosso mundo globalizado, tudo o que fazemos (ou deixamos de fazer) tem impacto na vida de todo mundo e tudo o que as pessoas fazem (ou se privam de fazer) acaba afetando nossas vidas”. Portanto, solidariedade é um gesto e amor, é promoção e reconhecimento mútuo do outro/da outra, enquanto gesto de doação de vida³.

Desde o horizonte da condição dos seres humanos o mundo será outro na medida que a solidariedade for conduta, gesto de amor e altruísmo. Romper com as incertezas desse indivíduo que vive no mundo líquido moderno, se faz essencial e oportuno, propondo uma sociedade solidária e afetuosa na busca da constituição e instituição de identidades amparadas e alentadas na mutualidade. Nosso mundo *pode ser diferente* e melhor do que é com o cultivo de valores coletivos de justiça, de empatia, de cuidado de bem-estar, desde que sejam propósitos da vida e priorizem a aproximação da sociedade de acordo com as necessidades e intencionem uma metamorfose do mundo no sentido de romper com o abismo existencial. Reconhecer a solidariedade, a caridade e a generosidade, não é tão simples, não basta querer ser, ansiar, mas sim é preciso praticar, vivenciar e considerar a importância do outro/da outra, cultivando, fazendo florescer e frutificar esses princípios e atitudes nos corações, nos propósitos e nas ações. Nesse contexto, de acordo com Bauman (2003), carecemos ser jardineiros esperançosos, cuidadosos e utópicos, sabendo quais plantas devem ser cultivadas, e cientes de quais necessitam ser cortadas em nosso jardim, de modo a permitir que a humanidade contemple e valorize além de seu próprio jardim, para afora dos seus muros, para que, se necessário oferecer, presentear “suas sementes” para o outro/a outra.

Desse modo, *refletir, questionar nosso modo de vida permite trazer um olhar mais solidário e altruísta*, como compreende Kafka (1997) ao afirmar sobre o mundo em que vivemos e ao nos escrever que a condição humana estimula uma infinidade de possibilidades para pensar e questionar-se acerca da vida e da responsabilidade fundamental dessas atitudes, comportamentos. Diante disso, a ruptura, para nós, reside em relacionar os direitos humanos à vida digna, desde já, de onde estamos e das condições que temos, ou seja, vislumbrá-los como os

³ Doação de vida no sentido de encorajar e despertar a valorização da própria vida e da vida do outro/ a outra, sustentando vínculos solidários e laços sociais humanitários. Doar vida efetivando o gesto de altruísmo e aproximação com o outro/a outra, e como oportunidade de possibilitar atitudes solidárias rompendo, decompondo com a dialética do pensamento mercadológico. Doar enquanto maneira de facilitar e motivar metamorfoses da realidade de todos os indivíduos, uns para com os outros.

resultados sempre transitórios das lutas humanas por dignidade, isto é, pelo acesso aos bens materiais e imateriais necessários a uma vida digna de ser vivida. Kafka também nos mostra que numa sociedade líquida e capitalista “as vidas” acontecem, ou seja, a grande certeza que podemos ter é que ocorrem mudanças a todo momento. Ao mesmo tempo devemos estar preparados, além de como enfrentarmos essas mudanças em nós, em nossos mundos, mas também para as transformações que ocorrem no outro/na outra, na sociedade. Em outras palavras, precisamos olhar coletivamente, dar-nos conta e seletar o que faz bem para a vida coletiva, respeitando a si mesmo e aos outros, comprometendo-se com a dignidade da vida humana amparada, alicerçada no amor e na solidariedade, assim como, com a construção de uma sociedade humanizada. “Cuidar é mais do que um ato; é uma atitude [...]”, escreve Boff (1999, p. 33). Portanto, como seres humanos cuidar, gerar amor e esperança na existência humana torna-se propósito de vida.

“Quando a solidariedade é substituída pela competição, os indivíduos se sentem abandonados a si mesmos, entregues aos seus próprios recursos - escassos e claramente inadequados”, ensina Bauman (2009, p. 21). Inicialmente é preciso desarmar o individualismo e substituí-lo pela solidariedade, refletindo o modo de vida, promovendo-o e, deste modo, favorecer um olhar mais humano, generoso e benevolente. Essas necessidades são também tematizadas por Bauman (2008, p. 32) ao reiterar que “A sociedade individualizada caracteriza-se pelo afrouxamento dos laços sociais, esse alicerce da ação solidária. Também é notável por sua resistência a uma solidariedade que poderia tornar esses laços duráveis – e seguros”. *Por conseguinte*, transcender, superar esse individualismo no mundo, além de valorizar os princípios da colaboração e da solidariedade, permite transformar a sociedade e efetivar a doação ao outro, daquilo que de *vida* há em si. Ceder, presentear, oferecer algo de importante a outrem, potencializa benefícios ou bens, como a doação de um ou mais órgãos, a doação de sangue, o compartilhamento de experiências, conhecimentos, sorrisos, caridade ou sentimentos, reconhecendo que a vida é constituída de trocas e de partilhas.

Assim como compreendemos com Singly (2003), a possibilidade da existência do outro/da outra, ao fazer esta identificação, apresenta caminhos no acontecimento da empatia, no achegamento de gestos, de atitudes e principalmente, de doação de vida, ou da possibilidade de viver por meio da solidariedade. Esse sentimento fraterno e altruístico, no entendimento de Singly, expressa o respeito pela dignidade humana. Por essas afirmações Singly (2003) nos ensina que, desde o horizonte da ambivalência, precisamos acreditar na possibilidade do inesperado e na viabilidade de atitudes de vão de encontro ao outro,

mesmo no individualismo, conscientes da possibilidade de vida do outro/da outra, na relação com o próprio “eu”, da mutualidade recíproca. Laços verdadeiros que germinam dentro de cada um de nós.

3 A solidariedade pode acurar o mundo

No mundo da vida, a solidariedade, a empatia e a solicitude, como discutimos neste texto, em relação aos seres permitem, além de resistir ou consentir a nossa dor, salvar o mundo, salvar o outro/a outra, ou por diversas vezes, a nós mesmos. Possibilita, neste mesmo sentido, perfilhar e vivenciar relações afetivas com o outrem, incentivando e nos tornando melhores como indivíduos, facilitando um horizonte acessível, aproximável de vínculos comunitários amorosos e solidários. Bauman (2004) expressa nesse sentido que na convivência humana é importante fomentar e tecer o diálogo, a empatia, a tolerância e o abraçamento ao outro, de forma a aproximar efetivamente a humanidade e as relações mútuas. Para o sociólogo a fragilidade dos vínculos é evidenciada em nossos relacionamentos e precisa ser rompida e superada. Transformar o amor próprio e o do outro/da outra em algo concreto, presentificá-lo, parece operar para superar a fluidez e tornar os relacionamentos verdadeiros, seguros, resistentes e solidários. Vani (2017), contribui com essa reflexão ao citar Bauman (2019, p. 97) para asseverar que “A humanidade está em crise – e não existe outra saída para ela senão a solidariedade dos seres humanos”. Ao mesmo tempo, são essas interações que conduzem o homem e a mulher ao encontro consigo mesmo e que manifesta o bem-querer, o sentimento de amor ao próximo.

Ao considerar a solidariedade humana, Morin (2003, p. 51) procura explicar sobre a complexidade do que é o ser humano, da importância do nosso lugar no mundo, da hominização da educação e da racionalidade humana: “[...] a animalidade e a humanidade constituem, juntas, nossa condição humana”. Portanto, não nascemos humanos, nos tornamos no decorrer da vida. Assim, ser solidário em nossa sociedade é atitude significativa, humana e com valor imensurável, característica social própria que o torna diferenciado de outras espécies e pode ser aprendido e se tornar atitude. Afetividade, entendida como condição de sujeito complexo, como princípio humano, condição que permite apegar-se ao outro/a outra, rompe ou corrompe com o sentimento egoísta e individualista, não se limita às emoções e sentimentos, mas a reciprocidades, aos laços solidários, como comportamento e conduta humano de ser, como ideia de responsabilidade e compromisso. Um compromisso que ultrapassa os horizontes limitados das concessões pessoais, das ações que visualizem ganhos econômicos

e políticos na sequência, mas que situem na amplitude e pluralidade as atitudes de respeito, valorização e manutenção da vida do humano e do cosmos como relações que produzem harmonia.

Como seres em constante evolução, a grande vantagem é que podemos aprender com as nossas situações e experiências e evoluirmos nas relações de convivência. Se apresenta como necessidade a ruptura com a hegemônica individualização da sociedade e, desse modo, da modernidade de ilusões que enfrentamos. *Despertar* a solidariedade e superar os interesses individuais, a competitividade e o consumismo se faz urgente no mundo moderno (Morin, 2003). Concordamos com Bauman ao escrever que nesse mundo que compartilhamos precisamos fortalecer o gesto de aproximação com o outro/a outra, pois, “Como estamos condenados a dividir o espaço e o tempo, vamos tornar nossa coexistência suportável e um pouco menos perigosa” (1999, p. 248). Nesse sentido, restabelecer na sociedade a igualdade, a justiça e a humanidade; proporcionar condições para que o indivíduo se encontre consigo mesmo, com o outro/a outra e com o mundo e nessa *interexistência*, sinta-se responsável e compromissado em melhorar as relações, respeitando as condições do próximo. Colocar sentido na vida é assumimos o outrem como parte nossa, praticando a solidariedade e a gentileza como forma de reconhecimento e igualdade em relação a ele. Reciprocidade como esperança na busca do bem comum, de modo que “Sendo gentil, eu atraio gentileza. Espero que a minha oferta de reciprocidade seja aceita; tal esperança é minha única arma. Ser gentil é apenas uma maneira de manter o perigo à distância; [...]” (BAUMAN, 1999, p. 248). Ao compartilharmos os bons sentimentos, diluem-se as situações ambivalentes que tornam nosso mundo instável e frágil. Conforme a perspectiva de Bauman, o indivíduo precisa conhecer o bom para efetivar e praticar o bem.

Nessa mesma linha de afetividade, da potencialidade educadora e da necessidade de compromissos, Paulo Freire (2000, p. 40) ensina: “A consciência do mundo e a consciência de mim me fazem um ser não apenas no mundo, mas com o mundo e com os outros. Um ser capaz de intervir no mundo e não só de a ele se adaptar”. Diante da compreensão e da relação de percepção, cumplicidade e responsabilidade Lévinas (1982, p. 87, grifo do autor) alerta que essa conduta subjetiva necessita ser sem interesses e como atitude de compreensão ampliada em relação ao outro/a outra, pois “[...] sou por ele responsável, sem mesmo ter que *assumir* responsabilidades a seu respeito; a sua responsabilidade *incumbe-me*. É uma responsabilidade que vai além do que faço [...]”. Portanto, neste horizonte de incertezas e ambivalências em que se encontra a condição humana, a acolhida e a reponsabilidade para com o outro/a outra, a

valorização da sua comunidade a partir de si próprio, precisa ser reestabelecida. Recomenda-se aos indivíduos despreocuparem-se com o desenvolvimento das vivências de suas subjetividades e convencionar caminhos para a idealização de um mundo menos egoísta e individualista, e mais solidário e altruístico. Ou, pelo menos, que a partir das necessidades, carências e demandas de suas próprias vidas, despertem para o horizonte da partilha, da proximidade, da visão do outro/da outra, condição que permite a acolhida, a reciprocidade, a solidariedade.

O gérmen da solidariedade busca apresentar à sociedade possibilidades de romper com as injustiças, com as desigualdades e com a materialização. Noutras palavras, através da cooperação, do diálogo, da consciência do compromisso com o outro/a outra a partir da vida pessoal/individual, pode se desenvolver a noção e a ciência de interesses coletivos, mútuos e responsáveis que reconheçam a dignidade como forma de preservar a vida, o valor da pessoa humana, o existir no mundo. Apresentar caminhos para a constituição de indivíduos pós-modernos ou que desde o mundo líquido, desenvolvam aprendizados menos egoístas e individualistas, mais gentis, recíprocos e humanos, de valorização com a pessoa do outro/da outra. O bem viver do semelhante é essencial e vital e possibilita ponderar uma visão de mundo com um novo paradigma de solidariedade no qual se concretize a comunidade humana com seres humanos generosos e respeitadores da pluralidade, da diversidade, dos modos de vida, da sua sensibilidade e das identidades. Estimular o desenvolvimento integral através de práticas, de hábitos, de atitudes e ensinamentos e do cuidado com o outro/a outra, cremos que pode contribuir para suscitar laços afetivos que permitem vínculos entre os semelhantes e resultem na efetivação de práticas solidárias.

Por esse motivo, de acordo com Bauman, não podemos condenar *o tempo que vivemos, mas carecemos vivê-lo de outro modo*. O sofrimento do outrem não pode passar despercebido, sem significância ou indiferente. Precisamos reconhecer a existência do próximo e perceber que a vida humana deve ser respeitada de maneira recíproca. Seremos verdadeiramente humanos na medida que nos deixarmos afetar pela vida ou pela dor do outro/da outra. Nesse sentido, Bauman demonstra em seus escritos que muito além de importar-se com o outro/a outra, não devemos banalizar vidas, nem sermos indiferentes aos sofrimentos alheios. A empatia pode ser um remédio uma vez que contribui para agirmos e pensarmos solidariamente. A solidariedade é o caminho para a percepção e a reflexão sobre as vivências alheias. Compreende-se, desse modo, que no mundo da vida *necessitamos* buscar, na convivência harmoniosa, a superação dos pandemônios e das crises que a humanidade enfrenta. Viver bem *com e para*

o outro/a outra, na troca entre dar e receber, contribui para as relações humanas, para a responsabilidade e o compromisso da existência de todos no mundo que compartilhamos. Vani (2019, p. 126) corrobora com essa reflexão ao comentar sobre o convívio e o reconhecimento do outro/da outra, afirmando que

Viver bem é poder conviver onde as relações sejam pautadas na bondade, no carinho, na solidariedade, no amor ao próximo e no altruísmo. A verdadeira solidariedade consiste em cooperar para transformar a realidade, superando o egoísmo, rompendo o capitalismo, [...]. O ato solidário incentiva a doação recíproca, identificando no outro a sua própria condição humana.

Consequentemente, para os seres humanos viver é conviver. Assim, na condição humana, as relações são construídas socialmente e historicamente em processo coletivo, e é justamente nessa convivência em sociedade que nos descobrimos enquanto sujeitos, conhecendo ou reconhecendo nossos valores, nossas escolhas e comportamentos diante dos nossos próprios problemas e das dificuldades de nossos semelhantes. Nessas reflexões precisamos perceber que na complexidade humana a reciprocidade exige igualdade, generosidade e que essas atitudes se apresentam como formas de benevolência e mutualidade serem correspondidas. Ao instituir os propósitos dos outros como nossos também, juntos a partir da singularidade de cada um, formamos o nós, ou, de algum modo a essência do humano e abrimos a possibilidade da qualificação da condição humana, via reflexão, diálogo, educação e solidariedade.

A conscientização do ser solidário sobre a possibilidade de metamorfoses na realidade dos indivíduos, na promoção de atitudes e de valores, no preocupar-se e sentir-se responsável pelo outro e pelo mundo, não ocorre de um instante para outro, mas a partir do reconhecimento da complexidade humana e da possibilidade de (re)construir uma nova humanidade consciente e cidadã (MORIN, 2003). Assim, conviver de maneira justa e solidária é essência da condição humana, muitas vezes conferindo significado às nossas vidas. Solidariedade está no germe da nossa hominização desde que compreendida a sua significação, a sua importância e seu sentido como a alma da solidariedade no mundo e a procura incansável pela sua concretização. Diante das mudanças fugazes da realidade líquida que enfrentamos, precisamos resgatar a capacidade humana de consciência e valorização da vida do outro/da outra e do bem comum, do ambiente que nos acolhe na casa comum e da atitude espiritual como espaço de reflexão e encontro consigo mesmo. A atitude da solidariedade promove o bem de todos nos gestos de dar, no movimento da saída de si e encontro com outro, sem as máscaras do egoísmo, do consumismo e da autossuficiência.

Essa atitude solidária, de compromisso com a alteridade, com o mundo, permite o desenvolvimento pleno da sociabilidade, do bom uso da vontade e da dignidade da pessoa humana.

Portanto, conviver numa sociedade mais humana é possível desde que os indivíduos tenham sabedoria para viver, compreender e buscar o bem comum, valorizando a si e aos outros; aos outros como a si. Seguir esse pensamento e essa observação, permite entender a convivência humana como sensível, compreensiva, solidária, além de demonstrar que, enquanto membros de uma mesma espécie, partilhando um espaço comum, nos importamos com a vida do nosso semelhante; permite ainda, a percepção de que não vivemos de forma isolada ou que existem laços afetivos e, a partir deles, a empatia e a generosidade. A solidariedade torna-se indissociável enquanto condição humana, pois, subentende a aceitação do outro/da outra como o outro/a outra com gestos humanitários e altruístas (ZOOL, 2007). Essa reciprocidade é essencial e se constitui em necessidade de todos os seres uns para os outros, como laços que não devem ser esquecidos. Nessa mesma perspectiva, são atitudes que não podem ser cobradas, impostas, mas estimuladas, incentivadas e trabalhadas no horizonte da condição humana, pois é uma relação de cooperação que garante a harmonia na sociedade.

Enquanto humanidade, temos um longo caminho a percorrer, mas a reciprocidade, o altruísmo e a mutualidade necessitam serem valores, condutas e princípios de referência. A solidariedade é possível e relevante na promoção, valorização e doação da vida. A solidariedade é vida, é germen fundamental e precípuo da relevância para com o outro/a outra, é o princípio da responsabilidade recíproca. É gesto que influencia as sociedades humanas, as relações dos humanos. Quando praticada, permite o amor e a vida, promove, a partir do “eu”, a gênese do “nós”, o reconhecimento do outro/da outra desde a sua out-reidade. É conduta que permite recuperar ou encorajar a cidadania, a coletividade, que incentiva fazer e viver o bem e fundamentalmente que implica em mutualidade, em sensibilidade e na percepção que o outro/a outra é parte essencial na constituição de cada indivíduo. Novas atitudes nas relações afetivas são promovidas pelo princípio da solidariedade, dos vínculos da afinidade da condição humana.

“Só se vê bem com o coração, o essencial é invisível aos olhos.” Célebre frase do livro *“O Pequeno Príncipe”* (1943), de Saint-Exupéry, sintetiza esses gestos ou condutas, comprova que tudo aquilo que realmente importa na vida não pode ser tocado, nem comprado, mas é algo vivido, sentido, doado, e é sempre bem-vindo. Atitude que permite e motiva sentir a amorosidade, a mutualidade e a

generosidade. O amor ao próximo é essencial, é ato vital. É responsabilidade e compromisso afetivo. Assim, vivenciar a solidariedade é permitir um mundo envolto no amor.

Não há vida sem amor, pois, o amor nos faz ver o nosso mundo e o do outro/da outra com olhos fortalecidos pela solidariedade. No pensamento de Bauman (BAUMAN, 2004, p. 102), ainda nesse sentido, “O amor-próprio é constituído a partir do amor que nos é oferecido por outros”. Amor não é um mandamento, mas uma admiração, um encantamento. Em outras palavras, a valorização da vida é sempre comprometida e enlaçada, é ponte onde vínculos são construídos e relações são favorecidas, onde rompem-se os conflitos de isolamentos impostos pela sociedade consumista. A conduta solidária, como consideração da importância do outro/da outra e da reconstrução da condição essencial humana, permite a vivência em comum, a significância e a necessidade de outrem e das relações com o mesmo. A vida se (re)constrói diariamente, na experiência cotidiana, e no conviver. O amor, a reciprocidade, a generosidade, a empatia, necessitam ser e fazer parte da vida, enquanto virtudes e atitudes que necessitam estar constantemente nutridas, fortalecidas e sustentadas.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Ética pós-moderna**. Tradução: João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1997.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **“44 cartas do mundo líquido moderno”**. Tradução: Vera Pereira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

BAUMAN, Z. **Amor líquido**. Sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar**. São Paulo: Vozes, 1999.

CASSOL, Claudinei Vicente. **Ambivalência, educação e solidariedade no horizonte da pluralidade “com” e “a partir de” Zygmunt Bauman**. Orientador: Professor Dr. Sidinei Pithan da Silva. 2019. Tese (Doutorado em Educação nas Ciências) - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul- UNIJUI, Ijuí-RS. Disponível no endereço: <http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/handle/123456789/6065>. Acesso em junho de 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

GADOTTI, Moacir. **Economia Solidária como Prática Pedagógica**: Educar para a cooperação. ed, L. São Paulo: Editora e livraria Instituto Paulo Freire, 2009.

KAFKA, Franz. **A metamorfose**. Tradução de Syomara Cajado. São Paulo: Nova Época, 1997.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Trad. Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya, 8a edição, São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2003

MORIN, Edgar. **A via para o futuro da humanidade**. Trad. Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

LÉVINAS, Emmanuel. **Ética e infinito**. Tradução de João Gama. Lisboa: Edições 70, 1982.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno príncipe**. Rio de Janeiro, Editora Agir, 2009. Aquarelas do autor. 48a edição / 49a reimpressão. Tradução por Dom Marcos Barbosa.

SINGLY, François de. **Uns com os outros**: quando o individualismo cria laços. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

VANI, Juliana. **Educação no horizonte da solidariedade**: a doação de órgãos e compromisso com o outro /a outra. Orientadora: Professora Dra. Maristela Borin Busnello. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação nas Ciências) - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul- UNIJUI, Ijuí-RS. Disponível no endereço: https://virtual.unijui.edu.br/Portal/Modulos/modeloInformacoes/?RH5sv44knZhFMK3qARF6zZdE0eF6wpdiPnmCIBzvbmQcLoFPazpNDqYD1TJtbRGOP8__SLA__hubQjaWCcShPZaFRsyw__IGL__=#. Acesso em: 02 jul. 2020.

ZOLL, Rainer. **O que é solidariedade hoje?** – Ijuí: Ed. Unijui, 2007.

